

Desenvolver-se Suavemente

De Ruy de A. Mattos

Reflexão

Há quanto tempo não paro
e reflito sobre minha vida...
e sobre as pessoas que estão à minha volta e nem vejo?

Há quanto tempo não encontro comigo mesmo...
não me entrego como criança...
não me sinto a firmeza de meus passos...
não vejo meu olhar...
não ouço meu coração..
não sinto o calor de minhas mãos...

deixei de gostar de mim?

Há quanto tempo não acompanho o flutuar de uma borboleta...
não me delicio com a melodia de um pássaro...
não me deleito com o farfalhar da brisa na folhagem...
não desfruto da água do riacho que desliza sobre as pedras...

deixei de comungar com a natureza?

Há quanto tempo não sou acariciado ternamente...
não sou olhado com amor...
não sou ouvido com atenção...
não tenho tempo de ouvir, de olhar, de sentir ou de,
simplesmente, estar perto de alguém?

deixei de amar as pessoas?

Há quanto tempo não choro mansamente, quando entristecido...
não gargalho abertamente, quando feliz...
não me enfureço, quando diante de uma injustiça...
não me entrego, quando apaixonado por alguém...

deixei de sentir emoções?

Há quanto tempo deixei de guiar minha vida

e como folha seca, vou sendo conduzido por outros?
e venho evitando meu presente, preso a um passado conhecido
ou a um futuro ilusório?
e venho afogando-me na rotina do dia-a-dia...
e venho amortecendo, em minhas entranhas, a ânsia da criação?

Há quanto tempo não penso com meus próprios pensamentos?
não vejo com meus próprios olhos?
não sinto com meu próprio coração?

Enfim, há quanto tempo venho deixando de ser...
simplesmente... gente?
e... nem havia percebido...

Suavemente

Deixa, suavemente, que a força, que reside em ti, se manifeste.
Rompe, suavemente, os grilhões do costume, do controle e do medo
e desabrocha para a vida e morte.
Suavemente,
enfrenta os obstáculos que se opõem à tua caminhada.
Suavemente,
desvia teu corpo das pedras que ti querem ferir.
Suave e energético,
como a samauma que, lentamente, finca e espalha, solo adentro
suas profundas raízes.
Suave e ágil,
como o colibri que, estonteante, enfrenta e afugenta
o gavião predador.
Suave e ardente,
como o fogo que, indomável, se alastra por sobre matas e
montanhas.
Suave e potente,
como o rio que, insistente, rompe barragens e margens,
espalhando-se pela planície.
Suave e constante,
como o vento que, perene, desliza as nuvens e ondula o mar.
Suave e humano,
como Sócrates, Cristo e Gandhi que, mansamente, iluminaram,
com suas vidas e mortes, o nosso caminhar.
Sêde suave e gente
e que seja urgente
antes que seja tarde.

Até quando?

Até quando tua razão resfriará o vulcão que teima em arder
dentro de ti?
e o hábito te bloqueará o caminho da saída?

Até quando o medo prenderá teu impulso de ser
e manterá as rédeas de teu futuro...
previsível e medíocre

Até quando a busca do ganho te manterá perdido de ti mesmo
e a desculpa lógica enganará tua consciência?

Até quando flutuarás, como rolha, na superfície da vida...
-forma sem significado-
e te deixarás possuir sem gozo?

Até quando darás teu tempo sem usufruí-lo
e adiarás o início de teus projetos pessoais?

Até quando ocultarás a vida
sob a máscara que nem percebes usar?

Paradoxos

Desata o nó que mantém, presas, as asas de tua liberdade.
Abre o invólucro que guarda, em teu peito, a voz contida.
Desabrocha o botão de teu crescimento, já cansado de tanta rega.
Desperta...
Retira, de cada ato, um momento de contemplação
Separa, de cada frustração, um pouco de esperança
Extrai, de cada perda, uma parcela de conquista
E aprende, com teu coração e mente, os mistérios que a vida nos
oculta em cada paradoxo.

Amor, poder e trabalho

O elemento que sustenta o amor é a doação
O elemento que sustenta o poder é a posse
Na doação, eu coloco meus sonhos, meu corpo,
meu coração, nas mãos da pessoa amada
 que os desfruta
 que os protege
 que os nutre
Na posse, eu tomo, retenho e aprisiono os sonhos,
o corpo e o coração da pessoa dominada
 que se rende
 que se acomoda
 que se define
Amor e poder
 dilema na caminhada do ser humano
 em busca da totalidade.

Amor sem posse é Amor
Poder sem doação é Poder

Amor possessivo? aberração.
Poder doado? ilusão.
disfunção e equivoco
 - teia que retém talentos
 - cadeia que aprisiona o sonho de ser feliz

A religião institucionaliza a ilusão do amor deformado
pelo culto ao medo
 à culpa
 o ciúme

Os governos e os ricos combinam a dominação consentida com a
servidão voluntária e constroem a máquina que fragmenta o
trabalhador e extrai da dor de seu esforço produtivo, o fruto amargo,
desprovido de prazer e realização.

O trabalho, quando se nutre do amor produz transformações
profundas na qualidade dos objetos e dos serviços que os homens
prestam uns aos outros, construindo, nesse processo, um mundo belo
saudável justo.

O principal fruto do trabalho amoroso é a construção e o
desenvolvimento do Novo Homem.
Do homem que, com sensibilidade e paciência,
com energia e persistência,
com alegria e consciência ,

extraí:

de cada ato que expressa,
de cada momento que desfruta,
de cada lugar por onde passa,
a essência da vida.

constrói:

seu próprio sentido,
seu destino único e intransferível,
sua Missão.

O menino e a insegurina

“Quem é você escondido aí atrás? vem cá, não tenha medo... eu não vou machucar você.”

(nenhuma resposta)

“Ah, pois então eu vou até aí onde você tá.”

(instantes depois)

“Como é escuro aqui... e frio. Você pode ficar doente neste lugar.”

“Eu, ehr... não sei se devo falar com você, eu nem o conheço.”

“Ora, mas você tá falando! Viu? nem precisou me conhecer antes prá falar comigo. Mas como você é tímido! Não fique assim, todo encolhido... senão você não cresce...” (tentando brincar)

“Mas eu sou assim mesmo, não sei como mudar, não posso mudar, não devo...”

“Ah, pára com isso! que chato! que desanimado que você é!”

“Pois é.. é que sou uma semente de insegurança...”

“Como é que é mesmo?! E desde quando existe semente de insegurança? ora, isso é impossível – a insegurança é uma coisa que mora na cabeça das pessoas, lá dentro, ninguém vê.”

“Mas eu estou aqui e você está me vendo, não está?”

“É... é verdade, mas por que você está aqui? você não faz parte das pessoas? não nasce junto com elas? dentro delas? como você pode tá aqui?”

“Não... não é bem assim como você pensa. O que nasce com a criança é o medo, não sou eu. Eu vou aparecendo depois, pouco a pouco, quando a criança começa a relacionar-se com os adultos. Aí eles vão passando, sem que as crianças notem, sementinhas de insegurança que eles guardaram especialmente para elas...”

“Mas peraí, peraí. E como é que os adultos podem fazer uma coisa dessas? Eles não gostam de crianças?”

“Claro que gostam. Aí que está o mistério. Eles acham que fazendo isso estão ajudando as crianças a se defenderem dos outros, a não se machucarem com as coisas que não conhecem, a não serem rejeitadas quando crescerem, a não...”

“Pára aí, pára aí! Nunca ouvi tanto não, não, numa vez só! como é que pode alguém agüentar tudo isso? e sendo uma criancinha, coitada...”

“Mas é assim mesmo que, o que eles chamam de educação para a vida, funciona.”

“Educação? Se é assim, eu é que não quero ser educado. Todo esse monte de NÃO na cabeça só pode atrapalhar, né?”

“Atrapalha e muito. Mais do que você imagina.”

“Aah... sei. Mas e como é que você sabe de tudo isso e não faz nada?”

“Não faço nada? E o que é que você acha que eu estou fazendo aqui neste escuro, frio e úmido lugar?”

“Ué... nada, ora.”

“Exatamente. Precisamente por esse motivo é que estou aqui escondida. Para não fazer nada de mal a alguém.”

“Como é que é?”

“Eu resolvi não mais germinar, só isso!”

“Mas... ah, tive uma idéia! Posso te chamar de Insegurina?”

“Insegurina?”

“É, não é um nome bonitinho?”

“Mais ou menos. Está certo. Você pode chamar-me desse modo.”

“Insegurina, voltando ao papo, eu cortei o que você tava dizendo...”

Você falou que não vai germinar? Como é que é isso?”

“É que se eu germinar, brotar numa criança, eu vou crescendo, crescendo, crescendo...”

“Como um pé de maracujá?”

“Pior. Como uma planta parasita que vai se espalhando seus ramos por todo o corpo da criança, tirando suas energias, sua alegria, sua coragem, sua curiosidade, sua...”

“Peraí, Insegurina, per aí. Assim, não dá. Você tá exage-rando muito. Parece até filme de terror!”

“Mas, infelizmente, é isso o que acontece. E quando a pessoa, já adulta, começa a perceber, já é bem difícil livrar-se da insegurança. Só mesmo com um bom psicoterapeuta...”

“Êpa, Insegurina. Você tá falando muito difícil – perceber, psicoterapeuta... – eu até já notei que você tem mania de falar difícil. Ou tá calada ou tá falando difícil.”

“Eu explico: todos os conhecimentos e, até mesmo, o estilo de falar...”

“O jeito de falar, não é?”

“É, isso mesmo. O meu jeito de falar é o mesmo que o do adulto de onde eu vim. Eu sou parte dele. E eles, os adultos, quanto mais inseguros, mais acham que precisam falar pausadamente, com entonação equilibrada da voz, com muitos detalhes e rodeios, demonstrando erudição...”

“Eru... o que?”

“Erudição, menino. Erudição é o conhecimento que os adultos transmitem sobre o passado, que não vieram, e sobre lugares, que não conhecem...”

“E pra que demonstrar conhecimentos sobre outros lugares e sobre o passado, quando a gente tá conversando é aqui e no presente? Isso não atrapalha a gente se conhecer melhor?”

“Exatamente, menino, exatamente. Essa é outra maneira dos adultos se evitarem uns aos outros. Não falarem de seus sentimentos, de suas emoções, de suas necessidades...”

“Ué, de não falarem deles, então.”

“Isso mesmo. Assim não precisam entrar na intimidade.”

“Então você faz muito mais mal do que eu pensava. Aquele negocio de você ir crescendo e tomando corpo da criança e chupando sua energia, deve acontecer mesmo...”

“Infelizmente, infelizmente. Você já deve ter visto um daqueles adultos curvados pelo peso da responsabilidade, com os olhos distantes e assustados, a testa sempre franzida, um sorriso difícil...”

“Eu já. Mas esse cara parece até uma múmia ambulante...”

“É, mas infelizmente as cidades, as empresas, as escolas, as igrejas, estão cheias dessas múmias, que apenas cumprem seus deveres, repetem suas rotinas diárias, constroem suas armaduras em cada gesto, suas trincheiras em cada palavra...”

“É, Insegurina. Eu já to até ficando com medo disso tudo. Como é que os adultos, sabendo de tanta coisa, deixaram acontecer tudo isso? Eles não vêem que tão sofrendo?”

“Mais do que sofrendo, menino. Eles estão se atrofiando enquanto pessoas, deixando de sentir os prazeres da vida...”

“O prazer? Quer dizer o gozo? Então eles não gozam mais, como eu gozo?”

“Essa é uma das outras conseqüências que eu, quando cresço e me instalo por todo o corpo do adulto, produzo.”

“Agora eu voei. Ano entendi o que você falou.”

“Eu estou falando da sensação, do prazer, do amor, do sexo, que somente um corpo livre de mim consegue desfrutar...”

“Continua falando, que está ainda meio confuso...”

“Quando a insegurança se espalha, ela logo procura as partes do corpo mais carregadas de energia, de vida, como...”

“Já sei! Como aqui no meu piruzinho? Meu pai falou que é ele que dá a vida, quando se junta com a piriquitinha da mamãe.”

“Isso mesmo. Só que o pênis e a vagina (são esses os nomes científicos do que você chama de piruzinho e de piriquitinha), fazem parte de uma região do corpo humano muito sensível, muito especial, que é a pélvis.”

“Pélvis? Agora me lembrei de um cantor de Rock que minha irmã gosta muito.”

“Pois é, é o Elvis Presley. E por coincidência ele ficou famoso não somente por sua voz, mas pelos movimentos, pela vibração que transmitia com seu corpo quando dançava, principalmente através de sua pélvis.”

“Ele rebolava pra valer, mesmo. Igual ao Ney Matogrosso.”

“Por isso os adultos demoraram muito pra aceitar esses artistas.”

“Ué, não entendi. O que tem uma coisa a ver com a outra?”

“É que Elvis e Matogrosso, entre outros, mostram às claras, publicamente, que a pélvis é uma região do corpo que rebola, como você diz, que tem flexibilidade, fluidez. A fluidez da vida.”

“Ah, enato é por isso que aquelas múmias que você falou têm o corpo todo duro. Parece até que engoliram um cabo de vassoura.”

“É... só que o cabo da vassoura pode ser reto ou curvo...”

“O que foi que você falou baixinho?”

“Que quando o cabo da vassoura é curvo, o indivíduo fica corcunda como aquela múmia, mas quando o cabo de vassoura é reto, aparecem aqueles adultos de “peito prá fora” “barriga prá dentro!” “ombros pra cima” que passam a vida procurando inimigos prá combater.”

“Daí as brigas e as guerras, não é?”

“Isso mesmo. A insegurança que se apodera desses homens é tão grande que eles não confiam mais nas próprias pernas, braços e mãos para se defenderem. Constroem armas cada vez mais sofisticadas e letais.”

“Letais, Insegurina?”

“Sim, letais é o mesmo que mortíferas, que trazem a morte.”

“Puxa, a insegurança tira a alegria, a coragem, a curiosidade, o prazer e agora, produz até a morte?”

“Sempre produziu, menino. Só que agora de modo mais violento e aniquilador, podendo até destruir toda a Terra.”

“Mas que burrice! E onde é que a gente vai viver?”

“Não vai. Com a destruição do planeta, acabam-se os rios, as matas, o ar que os animais respiram, tudo acaba.”

“Puxa, Insegurina, como você é forte. Você pode fazer todo esse estrago?”

“É aí que voltamos ao começo de nossa conversa. É por isso que eu decidi não mais germinar. Decidi que não vou mais impedir que algum menino ou menina desenvolva plenamente suas potencialidades para sentir prazer, criar, descobrir, amar, ser feliz, enfim.”

“Mas, Insegurina, e você, como é que fica? Você não é parte da natureza humana?”

“Não, menino. O ser humano é, de fato, cheio de contradições e paradoxos que fazem parte de sua existência e até são essenciais para que ele se desenvolva, mas sua natureza não chegaria a tanto. Não chegaria ao ponto de criar uma força tão destrutiva à vida.”

“Ué, mas você existe.”

“Existo, mas não sou natural. Devo ser como um vírus produzido por um acidente no laboratório da sociedade.”

“Como o vírus da AIDS?”

“Devo ser parecida. Só que esse vírus, começou a manifestar-se há pouco tempo, possui muito mais fama do que eu... e só por causa de algumas vidas que tirou.”

“Mas eram vidas importantes, Insegurina.”

“Toda vida é importante, menino. E os homens ainda não perceberam o meu poder destruidor de vidas que se vem manifestando desde o início da história humana.”

“Deve ser porque você age muito devagar. Ninguém nota.”

“Pior, menino. Há muitos que se acostumam comigo, que me vêem como parte essencial de suas vidas. Eles acham que não têm mais jeito. Que têm de suportar a dominação de outros mais fortes, que têm de resignar-se pela má sorte de terem nascido pobres, que têm

de aceitar injustiças, perseguições, humilhações, por que assim ganharão o reino dos céus.”

“Então, usam Deus como desculpa...”

“É... para não se libertarem da insegurança, essa epidemia psicológica que vem devastando mentes, corpos, corações e almas há tanto tempo...”

“Então, a coisa tá mais feia do que eu pensava...”

“Pois é, menino... pois é. Eu sou essa aberração criada pelos homens, para se afastarem, para desconfiarem uns dos outros, para se odiarem uns aos outros e, até mesmo, para se matarem uns aos outros.”

“Mas, Insegurina, o que posso fazer diante de tudo isso. Como me livrar dessa ameaça tão mortal? Como posso ser alguém livre, amado e feliz? Será que tem algum jeito?”

“Sim, menino. Muitos homens conseguiram exterminar as sementes de insegurança que foram plantadas em seus corações e mentes. Outros têm conseguido arrancar, de suas entranhas, as raízes e os galhos já crescidos. É possível, menino, é possível.”

“Mas, como? Insegurina, como?”

“Cada um descobre a sua própria maneira, pois não existem duas inseguranças iguais.”

“Mas, deve haver algum modo, algum caminho pra sair dessa armadilha.”

“Despertar...”

“Insegurina, sua voz está ficando mais fraca, fale mais alto.”

“Despertar, menino. Você precisa despertar. Foi isso que eu ouvi de um desses homens que conseguiram extirpar ou dominar a insegurança que já se alastrava dentro dele. E ele deixou uma mensagem...”

“Mensagem? Então fala qual é a mensagem. Eu quero ouvir. Vou até chegar mais perto de você.”

“Menino, ouvir não é o suficiente. Muitos já a ouviram e não a entenderam. Outros a entenderam porém não a sentiram. Outros até

a sentiram por um momento, mas não a praticaram. E é preciso a prática diária para anular a insegurança. Não há fórmula mágica para isso. somente com a persistência, associada à consciência, à sensibilidade e à humildade, conseguirá o homem vencer esse seu inimigo tão perigoso, apesar de aparentemente tão irrelevante...”

“Por favor, a mensagem. Não se vá sem antes me dizer a mensagem, tá?”

“Eu... eu estou sentindo minhas energias esvaírem-se. Esse frio, esse lugar úmido... estou ficando fraca muito rapidamente...”

“Mas... por favor Insegurina. Se eu ficar assim bem perto de você, eu passo um pouco de energia prá você e...”

“Está bem, mas não se aproxime demais, eu posso desistir de meu auto-sacrifício e querer entrar em você. Quando a morte se aproxima ninguém sabe o que pode acontecer...”

“Ta bem. Eu tenho cuidado. Agora pode falar.”

“Sua mensagem aos adultos é assim, como a decorei:”

Despertar

Acorda da letargia da rotina que te enrijece e desperta para o encontro com o inusitado.

Abre as comportas da certeza cega que te obscurece e deixa que a dúvida transborde as tuas margens.

Rompe as cadeias da disciplina automática que te oprime e libera o ímpeto de ser algo novo.

Afugenta teu lado, o fantasma do medo de errar e faz do risco o companheiro de tua caminhada.

Deixa de enfrentar o problema que te inquieta e cria as condições para que ele se desfaça por si próprio.

Aquieta a turbulência do ter cada vez mais e conquista o necessário à tua liberdade.

Despeja, de teus aposentos, a segurança que te tranqüiliza o sono e deixa que a magia do incerto floresça em teus sonhos.

Quebra a redoma do ego que te contém e desfruta o vácuo do não ser.

Pára de ruminar o passado e de salivar o futuro e degusta o sabor da totalidade deste momento...”

O Mágico e a Cidade

Havia um mágico muito famoso por suas admiráveis habilidades de fazer desaparecer objetos, de criar, do nada, flores, coelhos e lenços coloridos, cortar as pessoas ao meio e ressuscitá-las em seguida, entre muitas e muitas outras coisas assombrosas. Ele era particularmente querido na pequena cidade de Belo Encanto que visitava regularmente todos os anos, espargindo, em sua passagem, muita magia, alegria e admiração.

Os moradores de Belo Encanto, ao aproximar-se o dia de sua chegada, enfeitavam, de bandeirolas, as janelas, postes e árvores; afinavam seus instrumentos musicais, lustravam seus sapatos e engomavam suas roupas. Era preparada uma recepção em grande estilo, digna de um rei ou de um renomado líder espiritual.

Belo Encanto passava todos os dias e o ano todo com sua vidinha simples, rotineira e sem grandes aspirações. A paisagem bucólica de lagos, bosques e suaves elevações, formava uma moldura singela que se ajustava muito bem ao estado de espírito daquela pacata gente. Por isso, a chegada do mágico era tão festejada. Ele vinha quebrar um pouco daquela sonolência, às vezes pesada demais para ser suportada durante o ano todo. Trazia, em sua bagagem, um pouco de sonho e de magia tão necessárias aos Belos Encantados.

O mágico, por sua vez, nutria um sentimento de gratidão muito especial pelos habitantes de Belo Encanto. Afinal, nenhuma outra cidade jamais lhe devotara tanta admiração e carinho.

- “Eu preciso retribuir de modo especial àquela gente. Preciso levá-lhes, dessa vez, um presente que se torne inesquecível.” Pensava o mágico, procurando alguma coisa que pudesse representar sua gratidão pelo povo de Belo Encanto.

“Já sei! Vou criar um número especial de prestidigitação, fazendo desaparecer algo muito grande, por exemplo, uma charrete. Não, uma casa seria mais espetacular.”

Mas, alguma coisa lhe dizia que ainda não estava bom. Fazer desaparecer uma charrete, ou mesmo uma casa, é essencialmente a mesma coisa que fazer desaparecer um ovo ou um pombo. E isso deixava o mágico cada vez mais ansioso. Faltava apenas uma semana para sua apresentação em Belo Encanto.

À véspera de sua viagem... Eureka!!! Fez-se a luz!!!

- “Encontrei!! Encontrei!!! Exclamava, visivelmente excitado, o mágico. Enfim, havia descoberto o tão sonhado presente para o povo de Belo Encanto.

Partiu de madrugada, ainda meio entorpecido pelas emoções vividas na noite passada. Praticamente, nem dormiu, de tanta excitação.

Chegando ao amado vilarejo foi tomado, de súbito, de avassaladora emoção, não conseguindo conter as lágrimas. À entrada da rua principal havia sido montada uma verdadeira passarela de flores. Das janelas eram jogadas pétalas de rosas sobre o ilustre visitante e um odor suave e penetrante espalhava-se pelo ar, confundindo-se com alegres canções e melodias executadas pelo coro de vozes e instrumentos.

Era demais para o velho mágico. Ele sempre havia sido muito bem recebido em Belo Encanto, mas, dessa vez, a festa transcendia a qualquer tentativa de descrição. Porém, como também trazia algo de muito especial para aquela gente tão boa, isso o deixava intimamente tranqüilo. E foi nesse estado de enlevo que subiu ao palanque montado no centro da praça e, solenemente, dirigiu-se aos seus fieis admiradores:

- “Meus queridos amigos e amigas de Belo Encanto. Vocês, mais uma vez, presentearam-me com o seu amor e sua alegria em troca de meus humildes números de prestidigitação e magia. Por isso eu tenho mantido em meu coração uma dívida. Já difícil de ser paga. Desta vez, porém, eu vos trago algo novo, algo especialmente concebido para vocês...”

E enquanto falava, era perceptível as expressões de encantamento no rosto dos expectadores. E os comentários, sobre essa nova mágica que iriam assistir, já corriam celeremente da boca em boca, avantajados a cada nova repetição. A expectativa que se havia criado era proporcional, certamente, à grandeza da recepção que haviam preparado para o mágico.

“O que vos trago, nesta minha visita a Belo Encanto, é o que de mais caro e importante possuo e o darei a vocês como prova de minha gratidão...”

E os ouvintes à esta altura, já não se continham, pedindo-lhe que apresentasse essa mágica tão ansiosamente esperada.

- “O que vos trago desta vez é mais do que o melhor número de prestidigitação ou o mais fantástico passe de magia. É o mistério que ela encerra. Descortinarei, para vocês, os segredos de meu sucessi.

Compartilharei, com vocês, os conhecimentos e habilidades que desenvolvi ao longo de minha profissão, que se confunde com minha própria existência...”

E dito isso passou a executar seus desconcertantes números de prestidigitação e seus misteriosos passes de mágica. E à medida que desenvolvia seu trabalho ia explicando cada movimento, desvendando cada pequeno truque de seu, até então, inacessível mundo de surpresas, fantasias e sonhos.

À certa altura de seu tão esperado espetáculo, julgou ouvir murmúrios, cochichos, exclamações de impaciência que, num crescendo, foram se transformando em vaias, imprecações, xingamentos...

Atônito, o velho mágico esforçava-se em esmerar cada vez mais suas explicações, e quanto mais o fazia, mais recebia de volta um coro de estridentes vaias e gritos histéricos da platéia, transformada, como que magicamente, em turba, revolta e incontrolável.

Não, não era sua imaginação. A cada novo número a multidão multiplicava-se em violência, já atirando objetos sobre o atônito mágico que, à essa altura, desesperado, não via saídas para o pesadelo em que se encontrava.

E nesse estado de confusão, tumulto, desilusões e histeria coletiva, o velho mágico foi arrancado do palco, juntamente com seus equipamentos e, arrastado até a saída de Belo Encanto, que lhe fechou as portas para sempre...

Renascer

Busca, em ti, o mais recôndito ponto de ligação com o Nada

Transpõe o limiar que separa o nada do Todo.

Transcende

Refunde

Revive

Aprende o morrer de cada dia e remorre.

Extrai da vigília e do sono a lição de vida e morte que diariamente repetimos inconscientes, inconstituintes.

Desvenda o viver de cada dia e renasce

Quebra o casulo do medo que aprisiona teu existir e abre as asas do inusitado.

Voa alto e mergulha fundo no âmago de cada detalhe de cada momento

Rejubila-se pela façanha diária de viver e morrer.

Comemora o milagre do existir.